O KARATE E AS PERFORMANCES: CONCEITOS E ARTICULAÇÕES

Lucas Monteiro

Contemporis

O KARATE E AS PERFORMANCES: CONCEITOS E ARTICULAÇÕES

LUCAS MONTEIRO

Contemporis
Goiânia
2026

Contemporis
Estudos Interdisciplinares

Título: O karate e as performances: Conceitos e articulações.

Autor: Lucas Monteiro.

Texto, edição, revisão, preparação, projeto gráfico, capa e diagramação: Lucas Monteiro.

Foto da capa: Nguyen Hung.

1ª edição – 2026.

Goiânia, Goiás, Brasil.

ISBN: 978-65-02-17041-0.

DOI: 10.5281/zenodo.20689792.

© 2026 Lucas Monteiro.

Referência para citação: MONTEIRO, Lucas. O karate e as performances: Conceitos e articulações. Goiânia: Contemporis (Ed. do autor), 2026. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.20689792.

Esta obra está licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição–NãoComercial–SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

É permitida a leitura, o download, o compartilhamento e a citação desta obra, desde que haja atribuição adequada de autoria. Não é permitido o uso comercial desta obra, nem a criação de obras derivadas, adaptações, traduções ou modificações sem autorização prévia e expressa do autor.

Obra disponibilizada gratuitamente em formato digital.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Monteiro, Lucas
O karate e as performances [livro eletrônico] : conceitos e articulações / Lucas Monteiro. -- Goiânia, GO : Ed. do Autor, 2026.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-02-17041-0

1. Cultura 2. Karatê 3. Karatê - Filosofia I. Título.

26-369086.0 CDD-796.815301

Índices para catálogo sistemático:

1. Karatê : Filosofia 796.815301

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Contemporis é uma iniciativa editorial independente dedicada à circulação aberta do conhecimento, à valorização das humanidades e à promoção de estudos contemporâneos e interdisciplinares.

Os bem orientados marcialmente atribuem o mais alto valor à cortesia. Cortesia é de primordial importância. Sem cortesia, a essência do karate não existe. Ninguém é qualificado para ser um artista marcial sem cortesia ainda que sobressaia aos outros em sua técnica. Esta é a importante razão pela qual a prática do karate começa e termina com a tradicional reverência. A reverência representa o reconhecimento ao significado de cortesia. A cortesia deve ser constantemente praticada não apenas durante o período de treinamento mas a todo momento em nossa vida diária. Cortesia é universal. Vai além de qualquer coisa como nacionalidade, raça, sexo, idade e religião. Nossas relações humanas deveriam ser desenvolvidas nas bases da cortesia. Nossas relações mútuas podem ser pacificamente mantidas contanto que a cortesia seja exercitada em relação aos outros.[i]

Kanei Uechi, Grão Mestre do estilo Uechi-Ryu de karate.

Sumário

Introdução 7

O caminho de kohai a Sensei: Performances e ritos de passagem nos exames de graduação no Karate-Do 9
- Os exames de faixa 10
- Ritos de passagem 15
- Separação, margem e agregação 18
- De kohai a Sensei 22

Kata: Memórias de combates em performances no treinamento de karate 25
- O karate 26
- A memória 29
- Kata: Memórias em performances 31

Uso do conceito de performances como ferramenta metodológica no ensino do karate 38
- O conceito de performances 40
- Performances como metodologia 42

Referências 51

Introdução

Este livro digital reúne três artigos escritos a partir de 2020, todos dedicados ao karate e, em diferentes medidas, articulados ao conceito de performances. Ao longo dos anos, revisitei esses textos diversas vezes e, a cada releitura, surgia a percepção de que alguns aspectos da escrita poderiam ser aprimorados. Esses ajustes visavam tanto favorecer a leitura por pesquisadores que eventualmente viessem a utilizá-los como referência quanto torná-los mais acessíveis à comunidade do karate de modo geral. Foi desse processo de revisão e amadurecimento que surgiu o desejo de organizar e publicar esta edição, reunindo os três artigos em um único livro digital.

O primeiro artigo, intitulado "O caminho de kohai a Sensei", propõe uma reflexão sobre os ritos de passagem e as performances desenvolvidas nos exames de faixa do karate. Seu objetivo é contextualizar o conceito de ritos de passagem a partir das contribuições de Victor Turner (2005) e Richard Schechner (2011). Nesse contexto, o exame de faixa é apresentado como um dos eventos mais significativos para a observação e compreensão desses processos ritualísticos. Para tanto, é realizada a descrição de um exame de faixa preta, possibilitando a análise das articulações entre rito de passagem e performance. A partir dessa discussão, observa-se que as performances ocupam um papel central na constituição dos ritos de passagem presentes no karate.

O segundo artigo, intitulado "Kata: memórias de combates em performances no treinamento de karate", foi escrito em coautoria com o Professor Dr. Eduardo José Reinato. Nele, utilizamos o conceito de memória desenvolvido por Michael Pollak (1992) para discutir sua presença nos treinamentos de karate, especialmente por meio do kata, compreendido como uma representação de memórias e combates do passado. A análise proposta evidencia que essa memória transcende os limites do tempo e do espaço, mantendo-se significativa para a formação e a experiência dos praticantes dessa arte, independentemente de seu contexto geográfico ou cultural.

O terceiro texto, intitulado "Uso do conceito de performances como ferramenta metodológica no ensino do karate", consiste em um relato de experiência que reúne narrativas sintetizadas, observações e resultados de uma série de aulas de karate. O objetivo do trabalho foi articular o conceito de performances, conforme proposto por Richard Schechner (2011), de modo a potencializar os processos de ensino e aprendizagem dessa prática. A proposta buscou utilizar esse conceito como uma ferramenta metodológica capaz de favorecer uma participação mais ativa dos alunos em momentos significativos de sua trajetória de aprendizagem. Dessa forma, o artigo explora as possibilidades de aplicação do conceito de performances como estratégia para enriquecer as experiências pedagógicas no contexto do ensino do karate.

É importante salientar que, considerando que os textos foram escritos em momentos distintos, a leitura pode ser realizada de forma sequencial, conforme apresentada aqui, ou de forma isolada, sem prejuízo em nenhuma das opções. A intenção foi reunir e revisitar esses textos, mas não necessariamente apresentar as obras como inéditas. Dessa forma, os artigos foram revisados com o objetivo de eliminar possíveis erros de escrita e melhorar a compreensão geral, mantendo-se, contudo, o mais próximo possível das publicações originais.

As articulações aqui propostas não se apresentam como ideias definitivas ou conclusivas, mas como pontos de partida para novas reflexões, diálogos e possibilidades de investigação nos campos das Ciências Humanas, do Karate e dos estudos em Performances Culturais. A partir dos conceitos discutidos e das articulações estabelecidas ao longo deste texto, abre-se espaço para o desenvolvimento de novas pesquisas, ampliando as possibilidades de compreensão e aprofundamento dessas temáticas.

O Caminho de Kohai a Sensei: Performances e Ritos de Passagem nos Exames de graduação no Karate-Do[ii]

Karate-do significa caminho das mãos vazias em tradução literal do idioma japonês. O conceito caracteriza um caminho interminável para aqueles que o adotam como estilo de vida e buscam o aperfeiçoamento das técnicas e da filosofia desta arte. O karate é uma arte marcial de origem oriental que carrega em si características marcantes da cultura e da filosofia japonesa, sendo possível destacar a hierarquia e a busca constante por aperfeiçoamento das habilidades. O percurso entre o aprendizado e a maestria das técnicas apreendidas no karate é longo e com diversos eventos que marcam as diferenças entre os aprendizes e os mestres.

O treino desta arte marcial é extenso, não sendo possível desenvolver grandes habilidades em um período curto de tempo. Por vezes, professores experientes não chegam a mencionar a questão do tempo para seus alunos (MATTSON, 2009). Gichin Funakoshi, professor responsável pela difusão da arte, acreditava que o karate não se reduzia ao aprendizado de técnicas e habilidades defensivas, mas também ao domínio da arte de ser um cidadão bom e honesto (FUNAKOSHI, 2000). As habilidades técnicas e os conceitos filosóficos são adquiridos e aperfeiçoados durante anos, ao longo do percurso de aprendizagem.

O nível dos praticantes é demonstrado no karate através das faixas, diferentes cores mostram os diversos níveis de aprofundamento e conhecimento na arte. A verificação de aprendizagem dos alunos é realizada constantemente a cada aula executada, mas também é feita de forma mais criteriosa nos exames de faixa. Durante os exames de faixa, o praticante deve demonstrar que domina habilidades técnicas e conceitos filosóficos determinados pelos professores para avançar de nível e possa trocar de faixa. Esses exames são eventos importantes na prática do karate, sobretudo o exame para a faixa preta, no qual o praticante deixa de ser aluno ordinário e assume um papel de maior importância.

O objetivo geral deste artigo é relacionar o exame de faixa do karate com os ritos de passagem apresentados nos estudos de performance presentes na obra de Victor Turner (2005; 1974) e Richard Schechner (2011). Tendo como objetivos específicos a contextualização dos ritos de passagem presentes nas obras dos autores supracitados e a descrição de um exame de faixa preta no karate. A abordagem metodológica utilizada neste texto é a de pesquisa bibliográfica, buscando descrever o objeto de acordo com a produção bibliográfica relacionada ao karate e aos estudos em performance (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Será realizado no primeiro tópico a descrição do rito do exame de faixa presente no karate, relacionando a tradição oral e os critérios oficiais. No segundo tópico, será apresentado o conceito de ritos de passagem conforme a literatura selecionada. O terceiro tópico contém as fases do exame de faixa conforme os ritos de passagem. Por fim, é apresentada uma breve discussão das relações dos ritos de passagem com a cultura de arte marcial. Não se pretende, com este trabalho, o enclausuramento de conceitos, busca-se a abertura para novos diálogos, novas articulações e pesquisas relacionadas ao karate e aos estudos em performances.

Os exames de faixa

A faixa utilizada por uma pessoa que pratica karate é uma demonstração de seu tempo de dedicação ao treinamento e, em certa medida, reflete a experiência adquirida ao longo dos anos. Inicia-se o treinamento na faixa branca e, à medida que se incorpora o conhecimento, se apreende as técnicas, compreende-se comportamentos específicos e habilidades necessárias para a prática marcial, é possível avançar de nível e mudar de faixa. Cada escola tem sua autonomia para determinar os conhecimentos necessários a cada nível e quais faixas utilizar. O sensei tem a autonomia para determinar quando é o momento de mudar de faixa de acordo com a frequência de treinamento e dedicação do praticante.

A mudança de faixa acontece em uma cerimônia à parte do treinamento realizado em dias ordinários. A cerimônia consiste em uma verificação de aprendizagem em que o praticante deve demonstrar que domina o conjunto de técnicas e conceitos filosóficos pertinentes ao seu nível. É necessário demonstrar os socos, chutes, bloqueios, realizar demonstrações, responder a comandos em língua japonesa e perguntas sobre os processos históricos e filosóficos da arte marcial. Conforme se avança nas faixas, o nível de aprofundamento e domínio desses conceitos é exigido com maior rigor durante os exames de graduação, requerendo maior dedicação por parte do praticante.

As cores utilizadas por cada escola vão de acordo com o sistema adotado, que pode ser diferente de acordo com a federação ou linhagem à qual se vincula, entretanto, duas faixas são comuns a qualquer estilo de karate, a faixa branca e a faixa preta. A primeira adorna uma pessoa recém-chegada à arte marcial que ainda tem um longo caminho a percorrer e diversos ritos e processos de aprendizagem para se integrar, incorporar e interpretar. A segunda é ostentada por uma pessoa que dedicou longos anos ao estudo e estilo de vida do treinamento marcial, que está apta a compartilhar todo o conhecimento adquirido com os neófitos.

A condução de um exame de faixa se dá semelhantemente a uma aula, entretanto, a intencionalidade e finalidade de ambos os ritos são diferentes. Em uma aula, ao se chegar no dojo, troca-se a roupa e se coloca a vestimenta tradicional, solicita-se permissão para adentrar o tatame e aguarda-se o sensei iniciar. É realizada a saudação inicial e, em seguida, dá-se prosseguimento ao aquecimento, treina-se as técnicas básicas com intervenções de correção por parte do instrutor, executa-se o treinamento de kata, realizam-se as lutas, e, por fim, o instrutor tem um tempo para conversar o que for necessário. Realiza-se a saudação final e encerra-se a aula. É um padrão que pode variar de acordo com a metodologia proposta para o ciclo de treinamentos, mas, de forma geral, ocorre desta maneira.

Durante o exame de faixa, todo o processo se dá de forma semelhante, porém, o nível de rigor é diferente. Participam da cerimônia apenas os alunos que estarão sendo avaliados, os demais, quando presentes, só observam. As intervenções do instrutor se dão apenas no sentido de orientar qual comando deve ser demonstrado pelo examinado. Geralmente, se inicia pelo teste físico, em sequência se realiza a demonstração das técnicas básicas, seguido pela demonstração de kata, seguido pela luta e finalizando com a sabatina da banca examinadora. O número de técnicas exigidas e o aprofundamento delas, bem como dos conceitos filosóficos, se tornam maiores a cada exame de faixa. O rigor da avaliação por parte dos instrutores se torna maior à medida que os anos vão passando e as faixas vão ficando mais escuras.

As orientações para a condução de um exame de faixa preta segundo a Confederação Brasileira de Karate Interestilos (CBKI)[iii] exigem os seguintes conhecimentos dos candidatos: Kihon, referente às técnicas de movimentação, chutes, socos, bloqueios, bases; Kata de níveis iniciais e também avançados e suas aplicações; Jyu ippon kumite, um combate com ataques previamente determinados e possibilidades abertas de defesa por parte do examinado; Shiai kumite, uma forma de combate de competição com movimentações livres de ambos os participantes buscando a marcação de pontos; Leitura de texto dissertativo autoral com o tema "o karate em minha vida"; Sabatina pela banca examinadora.

Além dos aspectos mencionados acima, a banca tem autonomia para solicitar repetições de um ou mais quesitos de avaliação para melhor observação, além de também ter liberdade para solicitar demonstrações de técnicas ou respostas de perguntas que não estão previstas no programa de examinação, mas que fazem parte do treinamento de karate e da prática de artes marciais, a exemplo de questões de arbitragem. É necessário que a pessoa que se candidata à faixa preta demonstre boa performance técnica e grande desenvolvimento filosófico e metodológico pertinentes à arte marcial. Informalmente, também é exigido do candidato boa conduta moral e ética perante a comunidade marcial e a sociedade em geral.

Em uma entrevista, o mestre japonês Shinyu Gushi, 10° Dan no karate Uechi-Ryu, relatou que desde os primeiros socos investia grande parte do dia para o treinamento marcial, e que os treinos eram mais intensos e com muito mais contato físico do que nos dias de hoje. Enfatizou que o que aprendiam em Okinawa, berço do karate, não continha elementos esportivos presentes no karate atual, que o foco do treinamento era aprender a lutar. O mestre narrou que os treinamentos ocorriam na casa dos instrutores, que se dava uma pequena contribuição financeira e que, ao se adquirir maiores habilidades, era importante auxiliar na instrução dos recém-chegados (GUSHI, 1996). O mestre descreveu de forma breve como foi realizado o seu exame de faixa preta, além de fornecer informações que possibilitam compreender a importância desse rito:

> em 1958 nosso primeiro exame de dan foi realizado em Okinawa. Nossos respectivos instrutores nos disseram para comparecer e um grande número de instrutores mais velhos examinou nossas técnicas básicas e nossa performance de kata. Depois, nos foi dito para lutar entre nós [...]. Nós fizemos o Sanchin enquanto os instrutores nos testavam nos golpeando e dando socos enquanto performávamos o kata. Então nós fizemos o Sanseru na frente dos instrutores mais velhos, então nos foi dito para lutar (GUSHI, 1996).

A breve descrição executada por Gushi Sensei fornece elementos que possibilitam a comparação com os exames de faixa realizados nos dias de hoje. O Sensei descreve a sequência de avaliação, que, de forma geral, permanece a mesma. Conforme este relato, a avaliação se iniciou pela demonstração das técnicas básicas, na sequência foi realizado o kata Sanchin, o primeiro a se aprender e mais básico do estilo, realizando inclusive sua aplicação em que os instrutores golpeiam os alunos durante a sua realização. Em seguida, foi avaliado o kata Sanseru, geralmente requerido para candidatos que já possuem a faixa preta e estejam no nível avançado. Por fim, foi avaliada a performance de combate dos candidatos. Gushi Sensei foi arguido em relação à realização das lutas, uma das últimas e mais importantes fases de avaliação de um exame de faixa:

> Não era como é agora. Nós sempre fomos ensinados no dojo apenas a atacar e derrotar o inimigo. Não fizemos uma base e depois movimentamos com cautela. Fomos diretos um ao outro, e usando o Sanchin, tentamos evitar ferimentos enquanto atacávamos o oponente. Apenas socos diretos na face foram proibidos, todo o resto foi permitido, então nós atacamos com tudo e tivemos um grande número de alunos feridos. O problema foi que os instrutores que deveriam conduzir a graduação ficaram tão encantados com as lutas que esqueceram de nos parar. Apenas quando um dos dois combatentes começava a ser seriamente atacado que eles lembravam de intervir, e até esse tempo chegar, dez minutos de luta sem limites já tinha acontecido (GUSHI, 1996).

Através deste relato, é possível perceber quão intensos eram os exames de faixa no passado, anteriores aos processos de grande difusão e esportivização da arte, principalmente no momento da luta. Era necessário mostrar os conhecimentos das técnicas e também o domínio técnico em situação de combate real, e além disso, demonstrar capacidade física para receber golpes com grande contundência e continuar a lutar. Gushi Sensei (1996) relata que terminou o exame de graduação bem, que sobreviveu às batalhas e foi aprovado. Afirma também que, a partir deste período, grandes transformações ocorreram na arte para que se tornasse mais acessível, possibilitando a prática de um público maior e reduzindo o uso de técnicas com grande poder contundente e combates severos.

Grandes poderes são carregados de grandes responsabilidades, e por isso é exigido grande esforço físico e cognitivo de cada candidato para que se obtenha a aprovação e goze do direito de utilizar uma faixa preta. Alguns elementos técnicos são comuns ao relato de Gushi Sensei e às orientações definidas pela Confederação Brasileira de Karate Interestilos, o que leva a perceber que partes do rito persistem ao longo dos anos. Percebe-se a alteração qualitativa do sujeito e a passagem de um status social para outro, o que leva à possibilidade de contextualização com o conceito de ritos de passagem.

Ritos de passagem

Ao longo da vida, o ser humano é submetido a diversos ritos e cerimônias que marcam diferentes contextos, situações e estados. O conceito de ritos de passagem carrega classificações em relação aos ritos quanto à sua finalidade, são elas: ritos de separação, a exemplo dos funerais; ritos de margem, tais como noivado, e ritos de iniciação; ritos de agregação; matrimônio. As cerimônias podem ser individuais ou coletivas e têm grande importância dentro de seu contexto específico, estabelecendo novos estados, condições, destaques e obrigações para os que se envolvem nessas cerimônias (GENNEP, 2012).

Turner (1974) afirma que diversos estudiosos dedicaram esforços na elucidação do conceito de ritos de passagem através das mais diferentes óticas epistemológicas e metodologias de análise, e que não foi negada a importância desses ritos e crenças para a transformação das estruturas humanas, sociais e psíquicas, presentes nas sociedades antigas, clássicas e também contemporâneas. Um dos autores citados por Turner (1974) é Arnold Van Gennep (2012), que aborda o conceito de ritos de passagem e suas determinações de estado, posição social e suas influências nas relações cotidianas. Aprofundando neste conceito, Turner (2005) afirma que:

> Ritos de passagem existem em todas as sociedades, mas tendem a alcançar a sua expressão máxima nas sociedades de pequena escala, relativamente estáveis e cíclicas, onde a mudança está em estreita correlação com as recorrências e ritmos biológicos, muito mais do que com as inovações tecnológicas. Tais ritos indicam e constituem transições entre estados. Por "estado" entendo, aqui, "uma condição relativamente fixa ou estável", e tenderia a incluir, no seu significado, certas constantes sociais, como estatuto legal, profissão, cargo público ou ocupação habitual, posição ou categoria (TURNER, 2005, p. 137).

É possível compreender a necessidade de tais ritos, sobretudo nas sociedades de pequena escala que, por vezes, tendem a estabelecer relações sociais e hierarquias diferentes das sociedades de grande escala, que podem ter estes processos ritualísticos diluídos de forma mais homogênea e corriqueira na vida ordinária. Tais ritos se fazem de grande importância quando as sociedades estabelecem relações hierárquicas mais severas, as cerimônias têm o papel de classificar os sujeitos e determinar novas relações sociais, tarefas e comportamentos que doravante se fazem necessários. São cerimônias importantes para o sujeito e também para a comunidade na qual se insere.

Turner (2005) relaciona os ritos de passagem com processos de transição e transformação de sujeitos. Para que tais transformações sejam efetivadas, faz-se necessário realizar as cerimônias com a finalidade de outorgar novas prerrogativas e obrigações para com o grupo. Os ritos de passagem seguem uma sequência lógica e compreendem diferentes fases para que se ateste a competência dos indivíduos, e mais uma vez remetendo a Gennep (2012), Turner (2005) apresenta as fases executadas em tais ritos, sendo elas: separação, margem (*limen*) e agregação:

> A fase inicial de separação compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo, ou do grupo, seja de um ponto fixo anterior, na estrutura social, ou de um conjunto de condições culturais (um "estado"); durante o período liminar, interveniente, o estado do sujeito ritual (o "passageiro") é ambíguo; ele percorre um reino que tem poucos ou nenhum dos atributos dos estados passado ou vindouro; na terceira fase a passagem é consumada. O sujeito do rito, individual ou corporativo, encontra-se, uma vez mais, numa condição estável, em virtude da qual tem direitos e obrigações de um tipo "estrutural" claramente definido, e dele se espera um comportamento de acordo com certas normas costumeiras e certos padrões éticos (TURNER, 2005, p. 138).

Tais fases são necessárias ao rito para que o sujeito possa demonstrar domínio suficiente dos conjuntos éticos e estéticos de acordo com sua posição social, são também necessárias para a comunidade, para que se possa assimilar os processos realizados durante a celebração e seus resultados. Na fase de separação, o sujeito é destacado dos demais membros do grupo que não participarão. Na fase liminar ocorrem os flagelos e provações para que se mostre competência. Na fase de agregação, o sujeito volta a ser inserido na comunidade, porém, em um estado diferente do inicial, onde se goza dos benefícios de uma posição social superior.

É possível relacionar o momento do ritual com a realidade teatral que Schechner (2011) desenvolve. Segundo o autor, a realidade teatral é "não ordinária", uma realidade para ocasiões especiais. Tais situações são coletivas e marcadas por máscaras, figurinos, ações estabelecidas segundo regras e comportamentos estéticos. Momentos que ocorrem em uma ruptura da vida cotidiana, a exemplo de iniciações, casamentos e funerais, são ritos, de forma semelhante ao explicitado anteriormente por Turner (2005).

Schechner (2011) faz uma relação entre o teatro, o esporte e os rituais. O autor afirma que as cenas executadas no teatro, os movimentos executados no esporte e as diferentes fases dos rituais são calculadas com antecedência, como palimpsestos, sendo um constante processo de rejeição e reposição. Existe grande preparo e expectativa para a realização de tais cerimônias, o que salienta sua importância. O autor afirma ainda que, durante os rituais, ocorrem performances de transformação:

> Performances de transformação são evidentes em ritos de iniciação, cujo propósito é exatamente transformar pessoas de um status ou identidade social para outro. Uma iniciação não só marca uma mudança, mas é ela mesma a maneira pela qual as pessoas alcançam o seu novo eu: sem performance, sem mudança. (SCHECHNER, 2011, p. 164).

De forma semelhante aos ritos de iniciação, os ritos de passagem são a ruptura de um antigo sujeito para um novo sujeito. Através desses ritos, que o sujeito alcança outro nível social dentro de sua cultura, seja em um casamento, um Bar/Bat Mitzvah ou uma formatura. As performances executadas durante o rito são fundamentais para a transformação do sujeito, para a marcação de uma nova etapa da vida e das novas relações sociais que virão a ser estabelecidas, são essenciais para que o rito aconteça de forma satisfatória e se atinja a finalidade objetivada.

Separação, margem e agregação

Conforme explicitado anteriormente, os ritos de passagem possuem fases específicas para sua realização: separação, margem (*limen*) e agregação. São momentos importantes para o grupo que realiza tal rito e para o sucesso do processo. É possível compreender a estrutura organizacional do exame de faixa de acordo com as fases dos ritos de passagem. A fase da separação ocorre quando são reunidas apenas as pessoas que participarão do exame. Colocam-se diante da banca apenas os candidatos que estão aptos para a avaliação, os candidatos que já possuem o tempo de prática e as habilidades motoras e cognitivas correspondentes à próxima etapa qualitativa na arte marcial.

Após a separação dos alunos, os procedimentos iniciais para a cerimônia e a saudação inicial, acontecem as demonstrações e avaliações. É possível compreender este como o período de margem, de liminaridade, que tem destaque no sentido de acontecimentos performáticos. Segundo Turner (1974), a liminaridade pode ser considerada como um período de exame dos valores e axiomas da cultura. É neste período liminar que as performances dos alunos são examinadas, o padrão de execução e desempenho das técnicas e das respostas aos questionamentos passam pelo crivo dos avaliadores.

Turner (2005) afirma que o comportamento dos neófitos é de submissão e obediência em relação aos instrutores e igualdade entre os pares nos ritos que possuem o período liminar. A relação de hierarquização é marcante no karate, onde os alunos menos graduados respeitam os mais graduados e todos respeitam e admiram os instrutores, sobretudo nos exames de faixa, em que o aluno está diante de uma banca examinadora com instrutores graduados, colocando-se à prova. Turner (1974) descreve comportamentos de neófitos em rituais de iniciação e puberdade que também são semelhantes aos exames de graduação no karate:

> Seu comportamento é normalmente passivo e humilde. Devem, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar punições arbitrárias sem queixa. E' como se fossem reduzidas ou oprimidas até a uma condição uniforme, para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida (TURNER, 1974, p.118).

Os neófitos demonstram humildade e certa passividade em tais cerimônias, obedecem aos instrutores, aceitam flagelos, sofrem punições em prol de demonstrar suas capacidades. Este momento liminar fica claro no relato de Gushi Sensei (1996), quando descreve os momentos de seu exame de faixa. A ação de performar o kata sanchin enquanto se é testado pelo instrutor, recebendo socos, chutes e golpes a fim de aferir a resistência corporal do aluno, é um dos exemplos que se conectam com os apontamentos de Turner (1974) deste período liminar do rito.

A demonstração de que se pode receber fortes golpes e continuar de pé realizando o exercício, as demonstrações de técnicas e execução de combates são partes importantes do rito. Se faz necessário demonstrar a força física que tem um faixa preta, se faz necessário demonstrar o conhecimento das técnicas, se faz necessário demonstrar a correta apreensão do kata. Além de saber, o candidato à faixa preta deve performar esses conhecimentos, mostrar que sabe fazer. O período liminar do rito carrega a tensão, apreensão e as expectativas de alunos e instrutores, é o momento que determina quem será aprovado e se tornará um faixa preta e quem será reprovado.

Através destes elementos, tem-se a possibilidade de compreensão de que a cerimônia do exame de faixa se dá através da performance dos candidatos. Instrutores sérios e experientes dão a oportunidade de ingresso no exame de faixa apenas aos alunos que já se encontram preparados para essa responsabilidade dentro da cultura marcial, alunos que já tenham maturidade física, psíquica e técnica. Da mesma forma, as bancas de avaliação sérias apenas aprovam as pessoas capazes. Encontra-se então a necessidade e importância do ato performático, além do instrutor saber que o aluno é capaz, além de o aluno se autorizar capaz, é necessário demonstrar essa capacidade.

Esse momento é marcado por grandes expectativas por todos os atores envolvidos. O instrutor, ao submeter seu aluno à avaliação, atribui a ele a responsabilidade de demonstrar seus conhecimentos e de evidenciar o resultado do que foi aprendido com seu mestre. O exame de faixa é significativo tanto para o aluno quanto para o professor, que também se expõe perante seus pares ao levar seus alunos a essa avaliação. Em alguns casos, alunos com maior maturidade também compreendem essa dinâmica, atribuindo ainda mais importância a esse processo. Ainda que esse momento de avaliação seja individual, o coletivo também está em jogo, uma vez que o aluno pode se sentir pressionado por representar seu mestre, sua linhagem e seu dojo.

Percebe-se então a importância e a dificuldade do período liminar, que corresponde à maior parte do rito. Após as demonstrações de exercícios de kihon, kata, da luta que é o kumite, e demais solicitações da banca, os candidatos são retirados do tatame e vão para um local externo ou que não possibilite contato com a banca e os instrutores, e da mesma forma que defesas de dissertações de mestrado e teses de doutorado, a banca faz a discussão acerca dos candidatos. Os momentos seguintes correspondem ao momento de agregação, os alunos são convidados a retornar ao tatame para os procedimentos finais do exame de faixa.

Ao retornarem e se enfileirarem conforme o alinhamento tradicional japonês, são dados os resultados e também comentados os desempenhos individuais de cada aluno. Em alguns locais de treinamento, se faz a entrega da faixa e do certificado em um dia posterior ao exame, em outros esse momento ocorre no mesmo dia do exame. Em ambas as formas, o momento de agregação, geralmente, é o mesmo: o instrutor ou membro da banca se dirige ao aluno, executa o cumprimento tradicional japonês realizando uma leve inclinação do tronco, desamarra a faixa marrom, amarra a faixa preta e executa o cumprimento mais uma vez. Ao finalizar todas as entregas, se executa a saudação final e se dá o encerramento da cerimônia.

A tradição oral nos apresenta histórias de celebrações comemorativas coletivas após o rito do exame de faixa, com farta comida e bebida, em forma de festejar e parabenizar o novo status de artista marcial alcançado. Dentro da cultura marcial, este também é um momento importante, de comemoração com os pares e o resto da comunidade, pois se apresentam os novos faixas pretas, os que darão prosseguimento à cultura e aos ensinamentos apreendidos durante longos e árduos anos de treinamento. Além de o rito ser importante para o sujeito, faz-se importante também para a comunidade, que poderá manter viva a tradição.

Alguns aspectos das manifestações da cultura popular não são percebidos da mesma forma e podem variar de acordo com a localidade e todos os seus processos de difusão e desenvolvimento. Nesse sentido, alguns dos aspectos descritos acima podem divergir da realidade de algumas escolas, locais de treinamento ou metodologias de treinamento de karate. É necessário enfatizar que podem existir variações e divergências dos exames de faixa executados ao redor do globo, entretanto, o rito do exame de faixa geralmente segue essa lógica. Salienta-se que este artigo apresenta um ponto de vista deste fenômeno de acordo com o referencial teórico consultado e com a metodologia de análise utilizada, não se tratando de uma verdade inquestionável, mas de um modo de perceber as características dessa arte.

De kohai a Sensei

Pela tradição oral, diz-se que o faixa preta é um faixa branca que nunca desistiu. Também se afirma que é a partir da faixa preta que se começa, de fato, a aprender karate, frase recorrente em diferentes artes marciais que compreendem essa graduação como um símbolo de persistência, prática e aprendizado. Ainda que o praticante alcance a faixa preta, ele permanece como um eterno aprendiz de uma arte que busca a perfeição, mesmo reconhecendo que a perfeição não é uma condição humana. O caminho das mãos vazias segue dia após dia, dentro e fora do dojo.

É importante destacar que, após o exame de faixa preta, existem outros exames que conferem diferentes graus à faixa preta, variando do primeiro ao décimo dan, classificando os praticantes em distintos níveis de maestria. Dessa forma, ainda que o faixa preta possa assumir a função de professor, ele continuará sendo submetido a novas avaliações caso deseje se consolidar como um instrutor mais experiente. Essa característica também contribui para a compreensão da mentalidade de constante desenvolvimento presente nesta arte marcial.

Após a entrega da faixa, o aluno permanece treinando com seu instrutor, tendo doravante a possibilidade de ser também um, entretanto, não existe a obrigatoriedade de que siga este caminho. É comum que faixas pretas recém-formados continuem seus treinos com seu instrutor, tendo um papel de destaque no dojo, dando suporte a alunos novatos, auxiliando o instrutor em momentos de demonstrações e também sendo útil para demais necessidades. A respeito disso, Gushi Sensei agrega um interessante relato:

> Nós treinávamos na casa de Uehara Sensei, o que era comum naquela época, as pessoas não tinham dojos. Quando nós nos tornávamos mais habilidosos nós ajudávamos a treinar os mais novos, e dávamos a aula quando o sensei não podia, e essa era a nossa contribuição ao invés de dinheiro. Artes marciais de verdade não são um negócio, são frequentemente praticadas em pequenos grupos, como nós ainda fazemos hoje em dia (GUSHI, 1996).

A possibilidade de começar a lecionar também é validada, caso o faixa preta se autorize instrutor, sinta a capacidade de levar a arte adiante e também tenha o aval de quem o formou. Sensei é o pronome de tratamento utilizado para os professores no Japão, um de seus significados é "aquele que nasceu antes". A palavra carrega o símbolo de respeito e sabedoria, pela consciência de que para atingir esse degrau se leva anos de prática e dedicação. A passagem de kohai para sensei não se dá apenas pela faixa preta, mas pelo estudo, persistência e reconhecimento entre os pares de sua capacidade.

Os estudos relacionados a culturas populares e tradicionais por vezes são delicados e conflituosos, muitos dados importantes são encontrados nas falas de pessoas relevantes, e nem sempre têm correspondentes na produção acadêmica. A entrevista de Gushi Sensei (1996) traz dados que possibilitam a compreensão de importantes elementos do karate e do treinamento marcial. A partir da relação desses dados com o suporte científico, tem-se a possibilidade de elucidação dos objetivos elencados para esta reflexão.

Foi descrita a execução de um exame de faixa preta, a partir da descrição de um sensei e também de uma grande confederação de karate. A relação dessas informações permite compreender como era a execução do rito de se formar um faixa preta em tempos de desenvolvimento da arte e perceber que muitas das tradições executadas no Japão ainda são preservadas e tratadas com a devida seriedade. Cada momento do rito tem sua importância para a avaliação da performance do candidato e para a determinação de uma possível aprovação ou reprovação.

A literatura consultada elucida o conceito de ritos de passagem, e, além disso, permite compreender e relacionar o exame de faixa preta como um importante rito dentro da cultura de arte marcial, elucidando as diferentes fases do rito e sua execução por professores e alunos. É possível interpretar o exame de faixa preta como um rito de passagem no karate, que demonstra a passagem qualitativa dos sujeitos que se submetem à avaliação. O rito se faz fundamental para marcar uma nova fase para a pessoa que pratica o karate, com diferentes responsabilidades, atribuições e prerrogativas.

Por fim, percebe-se o papel fundamental que as performances exercem neste momento da arte marcial. A execução dos elementos de kihon, kata, kumite, a performatização dos elementos marciais e a elucidação das questões propostas são o meio de observação e avaliação da pessoa submetida ao exame de faixa. A avaliação se dá pela performance e, através dela, os instrutores com maior experiência poderão validar a passagem e a aprovação. A performance do artista marcial é o elemento central do processo, demonstrando sua capacidade e assimilação de anos de treinamento, e de séculos de aprendizado repassado de sensei a kohai, de sensei a sensei, do Japão para o mundo.

Kata: Memórias de combates em performances no treinamento de karate[iv]

É possível compreender de forma simples as artes marciais como formas de ataque e defesa organizadas para garantir o máximo de eficiência em uma situação de combate corpo a corpo, sendo que tais formas de combate foram desenvolvidas nos mais diferentes contextos nas mais diferentes culturas, com o objetivo de garantir a sobrevivência. O karate é um desses exemplos, arte marcial de origem oriental desenvolvida para garantir efetividade no combate, que hoje é amplamente conhecida e praticada no ocidente, como estilo de vida e também como esporte. Diversos trabalhos foram publicados acerca desta arte marcial e este busca somar, abordando importantes questões para seu entendimento.

Este trabalho não tem como objetivo realizar uma investigação histórica, já que diversos estudos realizaram esta atividade com êxito, tampouco ser um manual de instruções. Longe disso, esta pesquisa tem como objetivo executar a articulação do conceito de memória com um aspecto primordial do karate, qual seja, o treinamento de kata. O kata é um dos elementos constitutivos de treinamento e instrução nesta arte marcial e se apresenta como uma memória performática de antigas batalhas. É possível descrever de forma simples o kata como uma luta imaginária, uma performance em que o praticante executa movimentos de ataque e defesa. É uma forma de exercício em que o karateca performa, sozinho, movimentos previamente estabelecidos pelos antigos mestres orientais.

Para a realização desta tarefa, serão abordados, a princípio, aspectos técnicos, culturais e também parte dos processos históricos do karate necessários para a compreensão do texto; em sequência, aspectos fundamentais acerca do conceito de memória aqui utilizado, para que, por fim, se possa compreender como a performance do kata está relacionada à memória no treinamento e na cultura da arte marcial. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica, executando uma reflexão teórica acerca desta temática.

O karate

É necessário descrever, brevemente, os processos históricos do karate para sua devida contextualização. Segundo Suzuki (2008), o karate tem suas origens na ilha de Okinawa em meados do século XVI. Em seu período de desenvolvimento, a ilha, que hoje faz parte do arquipélago do Japão, tinha diversas contribuições culturais e comerciais com a China, Coreia, Taiwan e também com o Japão continental. Esta diversidade de influências contribuiu para que diferentes formas de combate fossem apreendidas e desenvolvidas pelos aldeões para a defesa pessoal e também defesa de suas posses.

Um decreto do Japão continental proibiu o uso de espadas pelas classes sociais baixas. Sem as espadas, havia então a necessidade de desenvolver formas de defesa utilizando apenas o corpo e ferramentas como: bastões, foices e outras típicas do trabalho no campo (SUZUKI, 2008). A partir do desenvolvimento destes estilos de combate, a classe de camponeses passou a possuir certa vantagem em relação aos militares que não estavam familiarizados com o combate corpo a corpo. Ao longo do tempo, os próprios militares tiveram a necessidade de apreender tais formas de combate sem armas para conseguir exercer o controle social (FROSI e MAZO, 2011).

É importante ressaltar que nem sempre essas formas de combate executadas pelos aldeões foram vistas com bons olhos pelas classes dominantes, sendo assim, era comum que os treinamentos ocorressem em locais fechados, restritos aos membros da família ou mesmo a um pequeno grupo de pessoas conhecidas, para manter as técnicas da família e do grupo em segredo. Após transformações políticas e culturais em Okinawa e também no Japão, os meios de combate primitivos foram sistematizados de modo a serem ensinados nas escolas como uma forma de Educação Física (FROSI e MAZO, 2011).

A necessidade de se realizar treinos secretos para que os conhecimentos adquiridos e desenvolvidos pela família ou pelo grupo não fossem disseminados foi um fator fundamental para que surgissem os diferentes estilos de karate. Cada família imprimiu a sua estética característica na sua forma de lutar, na forma de se movimentar, na sua relação com o próprio corpo e com o corpo do adversário. Este fator é importante para se compreender a articulação com o conceito de memória que será executado nas próximas páginas deste trabalho.

O treinamento de karate vai além das lutas, a face mais conhecida pelo grande público, e compreende três aspectos fundamentais: kata, kihon e kumite. É possível descrever o treinamento de kihon como as técnicas básicas de socos, chutes, bases e movimentos comuns dentro do karate, que podem ser executados sozinhos, em duplas ou mais, de acordo com a proposição do instrutor (ROSSI e TIRAPEGUI, 2007). O kumite é o combate entre dois adversários, onde se utilizam socos, chutes, bloqueios, de forma a golpear o corpo do adversário e se defender de ataques.

Outrora conhecido como balé da morte pelo grande público, no treinamento do kata, o praticante utiliza movimentos de ataque e defesa em diferentes direções, para performar uma luta imaginária. Entretanto, cada kata tem uma forma correta de execução, com movimentos pré-determinados concebidos pelos criadores de cada um dos estilos de karate. Segundo Frosi (2014), o kata é uma representação de uma luta em um campo de batalha, onde se sofre ataques de vários adversários.

Outra característica importante acerca do treinamento de kata, segundo Abernethy (2002), é a importância que os fundadores creditavam ao kata, reforçando constantemente que era a parte mais importante da arte marcial, e, além disso, através do kata é possível treinar efetivas técnicas de combate. Em tempos antigos, o treinamento de kata era executado até a exaustão, buscando a perfeição das técnicas apreendidas para a devida efetividade em caso de um real combate.

É interessante executar a seguinte análise para que se compreenda a distinção do elemento kata para os elementos kumite e kihon. Frosi e Mazo (2011) afirmam que existem mais de sessenta estilos de karate, a arte marcial é uma só, entretanto, cada família ou grupo dos fundadores desses estilos deu sua contribuição particular para a arte, imprimiu sua forma de combate, sua visão de luta. Em cada um desses estilos, o kumite é semelhante, o kihon também é semelhante (salvo algumas diferenciações em relação à postura, base, guarda), entretanto, cada estilo tem diferentes kata.

Conforme as informações apresentadas anteriormente, é possível compreender o motivo de diferentes estilos de karate e também de diferentes kata. As influências de diferentes artes marciais durante o contexto de desenvolvimento do karate na ilha de Okinawa e também as influências de diferentes famílias e grupos resultaram na criação e no desenvolvimento de diferentes kata. Cada grão-mestre, cada grupo e cada família imprimiram suas particularidades nos kata. Durante a execução dos kata de diversos estilos, é possível perceber semelhanças e diferenças. Semelhanças por se tratar de performances oriundas da mesma arte marcial e diferenças por serem desenvolvidos em linhagens distintas que adicionaram suas especificidades em cada kata.

Abernethy (2002) afirma que os kata são um testemunho, um registro vivo dos métodos originais desta arte marcial, sendo comum que um estilo de karate se baseasse nos kata e, através destes, os mais velhos ensinavam aos mais novos importantes técnicas de combate. Através destas afirmações, é possível perceber a característica de hereditariedade e hierarquização no ensino destas técnicas, em que os mestres ensinavam aos mais novos importantes técnicas que aprenderam com outro(s) mestre(s), que por sua vez também aprenderam da mesma forma. Mesmo com o passar dos anos, ainda nos dias de hoje, nos locais de treinamento ao redor do mundo, se executam os kata da forma que foram desenvolvidos centenas de anos atrás.

Alguns estilos de karate sofreram modificações, por mudanças políticas e culturais, entretanto, ainda existem estilos que permanecem fiéis às origens de Okinawa, e mesmo os que passaram por modificações também apresentam relações com as origens, não se distanciando a ponto de se descaracterizar. A partir destas afirmações, é possível perceber de forma primária a importante relação que a memória apresenta no karate, principalmente em relação aos kata, e para que essa relação se apresente de forma mais clara, é necessário entender também alguns conceitos de memória que serão discutidos a seguir.

A memória

Santos (2013) afirma que a memória não se adequa a apenas um conceito, sendo melhor compreendida inserida em processos de relação e desvelamento, onde seus conteúdos são atravessados por simbolização, imaginário, cultura e seus traços e também pela sensibilidade e seus rastros. A afirmação anterior deixa claro que discorrer sobre memória não é uma tarefa simples e necessita ser entendida em um contexto maior. Para que se entenda sobre artes marciais e as memórias presentes em seus processos, é necessário que se compreenda também acerca de seus símbolos, o imaginário, e principalmente acerca de traços culturais e dos rastros sensíveis.

Referindo-se à constituição da memória individual e coletiva, Pollak (1992) elenca importantes elementos, e um desses elementos são os acontecimentos vividos pessoalmente e, em suas palavras, os acontecimentos "vividos por tabela", estes vivenciados pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencer, acontecimentos que podem não pertencer no mesmo espaço-tempo, mas que têm grande relevância. Afirma ainda que, por meio de socialização política ou histórica, pode ocorrer forte identificação com o passado, de modo que a memória seja quase uma herança.

É possível compreender a importância do elemento acontecimento na constituição da memória. Mesmo aqueles com quem não vivemos diretamente podem compor nossa memória, são os acontecimentos caracterizados como "vividos por tabela". Alguns fatos apresentam tamanha relevância política, social ou cultural que geram uma identificação. Esta pode constituir a memória de um coletivo que, por fim, acaba também por firmar-se nas memórias individuais. Memórias de guerra, memórias de família, memórias de um determinado grupo, estas e outras podem gerar memórias também nas gerações futuras.

Além do elemento acontecimento, Pollak (1992) elenca também os personagens, sendo possível entender esta categoria como os sujeitos contactados ao longo da vida de forma direta, e também personagens que se relacionaram de forma indireta, ou seja, aqueles que dialogaram pelo grupo ao qual a pessoa se vincula, que geram tal identificação e relevância cultural e social que acabam por se tornar conhecidos, mesmo que não tenham pertencido ao mesmo espaço-tempo.

Estes personagens são um elemento importante para se compreender a memória, e os sujeitos com quem temos contato ao longo da vida nos agregam memórias. São igualmente importantes os personagens que conhecemos indiretamente por meio do grupo ao qual nos inserimos. Por razões políticas e culturais, esses personagens podem apresentar um afeto positivo, que nos recorda importantes feitos ao longo dos tempos, mas também sensações demasiadamente desagradáveis. Esses personagens também constituem a memória, seja ela de âmbito coletivo ou individual.

Outro elemento importante para compreender a memória, segundo Pollak (1992), é o lugar. O autor apresenta a afirmação de que existem lugares de memória, que se ligam de forma particular a determinada lembrança, seja ela pessoal ou coletiva, e que também podem não apresentar relação com o tempo cronológico. Pollak (1992) fornece exemplos de lugares que foram importantes na infância e são ligados pelo afeto. Exemplifica também os lugares de comemoração, a exemplo dos monumentos históricos, que podem se relacionar com uma memória individual ou com uma memória "vivida por tabela".

A categoria de lugar também é de fundamental importância para o entendimento da memória, pois, através de determinados espaços, é possível que se tenha a conexão com importantes memórias, ainda que elas não sejam tão agradáveis, como locais da vida privada que remetem a memórias de carinho e amores, ou mesmo de tragédias familiares e também locais públicos, que saúdam heróis vivos e mortos. Sendo assim, existem determinados lugares que têm uma importante ligação com um fato que nos pertence e nos constitui memória.

Os elementos elencados acima como constituintes da memória são de suma importância para que se compreenda a articulação deste conceito com o karate. A relação de acontecimentos, personagens e lugares está presente nesta arte marcial, da saudação inicial ao momento em que acaba o treino. A memória presente no karate é demasiadamente importante, porque vai além do sentido da cinestesia corporal, que exige a recordação das execuções das técnicas, dando também o devido sentido histórico e cultural, honrando os antigos mestres e as pessoas responsáveis pela difusão desta arte marcial ao redor do mundo, para que não se esvazie de sentido, tornando-se apenas um amontoado de socos e chutes.

Kata: Memórias em performances

Conforme as informações apresentadas ao longo do texto, é possível perceber que no karate e em seus contextos se encontram elementos de memória, de acordo com as categorias anteriormente citadas de Pollak (1992), se tratando de acontecimentos, personagens e lugares. A seguir, brevemente, serão abordados alguns desses elementos para que se chegue ao kata, sendo possível compreender não apenas este elemento específico desta arte marcial, mas também parte dos processos culturais do karate, necessários para a contextualização desta arte.

Em um dojo tradicional, encontram-se fotos dos mestres fundadores e de pessoas importantes para a difusão e desenvolvimento da arte, e encontram-se equipamentos para treinamento e adornos orientais. A estética do local rememora as antigas residências japonesas que continham também essas características. Através da tradição oral, é sabido que, nos tempos antigos, os mestres ministravam as aulas e treinamentos em suas residências. Apenas após anos de modernização e difusão da arte marcial, as academias de karate tomaram o formato dos dias atuais, o dojo sendo, então, a extensão do lar, no dojo encontrando-se a família.

O dojo é um espaço que contém vestígios de memórias, de modo a recordar pessoas importantes do passado que já se foram, situações de aprendizado com os mestres e colegas, lutas físicas e também as lutas espirituais, mentais, políticas e culturais. É lugar de recordar memórias de uma cultura que existe há várias décadas. Nesses ambientes, é possível encontrar fotos dos mestres afixadas na parede em local de destaque. Ao início e ao fim do treinamento, se realiza a saudação de frente para essas imagens, em respeito a esses importantes personagens, suas trajetórias e todo o conhecimento adquirido através de seus ensinamentos.

Dentro do local de treinamento, especificamente onde se realizam os exercícios, não se pode utilizar sapatos. Todo o processo de aprendizado é feito descalço e com a devida indumentária, o karategi, conhecido no ocidente como quimono. A maior parte dos comandos feitos pelo instrutor é falada em japonês, a exemplo dos nomes de movimentos, contagens, situações de combate e as saudações executadas ao início e ao fim. Neste local, indivíduos se conectam com a cultura dos antepassados, nos casos dos descendentes de orientais, e se conectam também com o passado do grupo ao qual se inserem. No dojo, se executa o treinamento de karate que também é um exercício de memória.

Durante a prática do karate se executam os exercícios de kihon, kata e kumite. Não necessariamente se realizam esses princípios na mesma aula, entretanto, o praticante ao longo dos treinos tem contato com esses fundamentos. Os ensinamentos desses movimentos foram passados ao longo de gerações, dos mestres aos alunos, que no futuro também vêm a se tornar mestres e assim por diante. Esses ensinamentos se dão de forma oral e empírica, ainda que existam produções escritas acerca desta arte marcial, a principal forma de aprender ainda é dentro do dojo.

O treinamento de karate é um exercício de memória, onde se recordam e performam movimentos entre chutes, socos, guardas, bases, esquivas, uma recordação que transcende o âmbito motor, rememorando os ensinamentos dos mestres, rememorando a intencionalidade e a finalidade de cada um dos movimentos. Além das técnicas, o treino de karate inicia e termina com uma saudação, honrando os mestres, os colegas de treino do dojo, e todos os praticantes desta arte marcial ao redor do mundo, celebrando o conhecimento, em respeito também a uma cultura, e a um legado de treinamento marcial que nos é permitido viver a cada aula.

A partir desses elementos, é possível compreender a articulação de memória com Pollak (1992), uma vez que se percebe a presença do elemento de lugar, recordando não apenas o local de treinamento, mas também os locais de treinamento ao redor do mundo e as antigas residências que abrigavam os karatecas e permitiam os treinos. Percebe-se também a categoria personagem, por meio das fotos dos mestres, por meio das situações de treinamento, por meio dos ensinamentos que são repassados de professor para aluno ao longo dos anos de treinamento marcial.

É possível encontrar características semelhantes às elencadas anteriormente em outras artes marciais orientais, acerca do dojo, acerca das reverências e honras aos mestres, mas é importante destacar o kata neste contexto. Conforme Abernethy (2002), o kata tem elevada importância e papel central no karate, diferente de outras artes marciais e também de outros esportes de combate. Através do kata, é possível recordar técnicas, movimentos para diferentes situações de combate, mas, além disso, também se recordam acontecimentos e personagens.

Os kata executados hoje nos mais diferentes estilos de karate ainda são fiéis aos que foram sintetizados pelos mestres desde o início da sistematização da arte marcial. Ainda nos dias atuais, se executam os kata da mesma forma, com os mesmos movimentos que os antigos executavam nos séculos passados no oriente. Através dos kata, é possível recordar antigos mestres, suas batalhas e suas visões de mundo na forma de sintetizar os kata e preparar os movimentos para as mais diversas situações de batalhas, sendo essa uma razão de se ter diversos kata em um estilo de karate, além de também diversos estilos com diferentes kata.

É possível recorrer a Schechner (2013) para contextualizar a relação dos kata com o conceito de performances. Brevemente, performances são ações compreendidas como "sendo", "fazendo", "mostrar fazendo" e "explicar 'mostrar fazendo'", ações que contêm o que o autor denomina como comportamento restaurado. O autor compreende este comportamento como "eu me comportando como outra pessoa" ou mesmo "como me foi dito para fazer". Uma ação em que o performer não é o autor, mas ator e intérprete, seja em um rito de passagem, uma peça teatral, espetáculo de dança, ou outras ações da vida cotidiana.

O kata tinha e ainda tem essa finalidade: é uma forma de instrução marcial através de performance no treinamento de karate. Durante a prática do kata, o karateca se coloca efetivamente como artista marcial, performando movimentos com alto poder contundente em uma luta imaginária. Através do kata, os mais experientes mostram como lutar e como executar de forma correta os movimentos, se explica como lutar e em quais situações se deve utilizar determinada técnica; é uma performance feita como foi dita para fazer, pois foi organizada, ensaiada e sintetizada previamente pelos mestres, através do aprendizado vindo de diversos conflitos, combates e guerras.

Percebe-se então a relevância do contexto cultural e político das sociedades orientais, sobretudo do berço do karate que é Okinawa, e os movimentos presentes nos kata rememoram o contexto conflituoso. Na execução do kata, o karateca executa golpes em diferentes movimentos, diferentes alturas, em determinados momentos golpes em direção aos joelhos, ao

abdômen, à cabeça, além de formas de defesa também em diferentes alturas, de modo a fornecer formas diversas de ação em um ataque. Durante o kata, o performer se movimenta também em diferentes direções, oferecendo o devido treinamento para ataques de diferentes direções por mais de um agressor.

É importante ressaltar a relação didática presente nos kata, uma vez que os movimentos foram ensaiados, recombinados e analisados em diversas situações até que se chegasse às suas "versões finais", que são reproduzidas, ensinadas e ensaiadas atualmente em diversas academias ao redor do mundo. Esta ideia vem ao encontro do que Schechner (2013) afirma, ou seja, que a maior parte das performances da vida cotidiana não apresenta um único autor, mas que tem autoria de um anônimo coletivo, uma tradição, e que os indivíduos que geralmente são creditados como autores são os responsáveis por sintetizar, recombinar, compilar e editar as ações praticadas anteriormente.

A partir dessas afirmações, é possível compreender algumas importantes relações de memória. Os diferentes estilos de karate são frutos de estudos e práticas de diferentes mestres, pois em cada estilo se realizam diferentes kata, e, sendo assim, apreende-se diferentes movimentos. Mas, além disso, apreende-se também diferentes visões de mundo, de guerra, e de como compreender a relação do corpo com o ambiente. Os kata foram desenvolvidos a partir desse anônimo coletivo, e recombinados, reconfigurados, editados por cada um dos grão-mestres de cada estilo, colocando nesses kata suas impressões e entendimentos do que seriam as formas mais efetivas de combate com o corpo.

Fazendo relação com o conceito de Pollak (1992), através dos kata é possível recordar acontecimentos vividos centenas de anos atrás no Oriente, do período de opressão em que as espadas banhadas em sangue eram as batutas que regiam a vida dos camponeses e os corpos delgados eram as armas disponíveis para garantir que a vida da família continuasse ao longo das gerações. Através dos kata, recorda-se não apenas dos mestres e suas famílias, mas também é uma memória de um período em que o mundo, em que a sociedade oriental se configurava de uma forma diferente, menos pacífica e mais conflituosa do que os dias atuais.

Através dos katas, recordam-se acontecimentos, antigas guerras orientais, importantes batalhas militares e também batalhas da vida diária de agricultores, pescadores, comerciantes, pessoas de vida simples que deram o karate como resposta a um período conflituoso e difícil de sua história. O kata é uma memória dos treinamentos executados pelos antigos mestres, e de suas horas de estudo e reflexão acerca de como se atacar e se proteger com eficiência, e também de como cuidar da saúde através do movimento.

A memória contida nos kata também remete a personagens. Atualmente, é possível ter acesso a esse conhecimento pelo trabalho de longos anos desenvolvidos por mestres e seus discípulos, que desenvolveram e desenvolvem um treinamento iniciado há séculos atrás no Oriente. Através dos kata se tem acesso à memória de um lugar, do Japão, da ilha de Okinawa, e de lugares de desenvolvimento do karate. Através do karate se tem acesso a uma cultura, que é memória individual e coletiva de cada karateca.

O karate é uma arte marcial oriental de grande riqueza cultural, percebendo-se através do relato histórico a importância do intercâmbio cultural e comercial da ilha de Okinawa com pessoas de outras localidades para o fortalecimento das bases das artes marciais, utilizadas como defesa dos aldeões contra os ataques sofridos. O desenvolvimento da arte se deu em um contexto conflituoso e, conforme o passar dos anos e das transformações políticas e culturais do Japão e do mundo, é possível ter acesso a essa arte através do trabalho de diversos mestres e seu empenho para a difusão do karate.

Após a análise, é possível compreender a importância da memória nesta arte marcial, uma vez que o aprendizado se dá por meio da vivência e da experiência trabalhada por meio da história oral contada dentro do dojo. Através da memória, se tem acesso a acontecimentos ocorridos séculos atrás, a pessoas que já não se encontram entre os vivos, que compartilharam da sua experiência através da arte marcial. Na cultura oriental, as memórias e a história oral são de grande importância, de modo a se perceber essa influência durante os treinamentos, que seguem a tradição dos ensinamentos dos antigos mestres.

O kata se apresenta em meio a esse contexto como uma importante ferramenta metodológica e didática no karate, pois essa performance é uma memória fundamental da arte marcial que possibilita que o conhecimento adquirido ao longo dos séculos permaneça vivo de modo a ensinar e a inspirar novas gerações e novos artistas marciais. O kata é uma memória presente no karate, rememorando personagens, acontecimentos, lugares, contendo não apenas informações técnicas de como transformar o corpo em uma arma de guerra, mas além disso, é uma memória importante da tradição, da cortesia e dos ensinamentos desenvolvidos pelos mestres fundadores.

Uso do conceito de performances como ferramenta metodológica no ensino do karate[v].

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência acerca de uma proposta do uso do conceito de performances concebido por Richard Schechner (2013), como uma ferramenta metodológica no ensino do karate em um espaço não escolar. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi o diário de campo, sendo realizados relatos das atividades executadas ao fim de cada uma das aulas, para possibilitar, posteriormente, as devidas articulações com o referencial teórico aqui proposto.

A princípio, será realizada uma breve contextualização do karate enquanto arte marcial e fenômeno esportivo, buscando descrever o modus operandi para melhor compreensão da discussão aqui elaborada. A proposta não é efetuar uma discussão profunda dos processos históricos ou das relações sociais e culturais do karate, objetiva-se apenas descrever de forma breve e simples os aspectos fundamentais para o entendimento do funcionamento e treinamento desta arte marcial.

Em seguida, apresentar-se-á o conceito de performances presente na obra de Richard Schechner (2013), e as devidas informações para a apreensão do que vem a ser esse conceito. Apesar do termo performance ser amplo e apresentar uma grande diversidade de significações, o conceito utilizado por Schechner (2013) direciona foco para a realização de determinados comportamentos e ações nas mais diferentes atividades da vida cotidiana, como: as artes, os esportes, danças, rituais e outras manifestações sociais.

Após a elucidação destes tópicos anteriores, será apresentada a descrição das atividades realizadas, utilizando o conceito de performances, como uma ferramenta metodológica no ensino do karate em espaço não escolar. As atividades foram realizadas em uma organização social não governamental sem fins lucrativos da cidade de Aparecida, cidade que faz parte da região metropolitana de Goiânia, Goiás. As aulas ocorreram de setembro de 2019 a março de 2020 e necessitaram ser interrompidas devido à pandemia do vírus da COVID-19.

O karate tem suas origens na ilha de Okinawa, no Japão. A ilha tem localização que permite um intercâmbio cultural, social e comercial privilegiado com outras regiões do continente asiático. Esta facilidade de relações, no contexto de desenvolvimento do karate, permitiu que os aldeões da ilha aprendessem conhecimentos de artes marciais de outros povos e desenvolvessem diversas formas de combate sem a utilização de armas para defesa dos territórios, defesa de posses e também a defesa da família (SUZUKI, 2008).

O treinamento desta arte marcial é baseado em três pilares fundamentais: kihon, kata e kumite. Os exercícios de kihon são as técnicas básicas (ROSSI et al. 2007), podendo compreender como os exercícios de socos, chutes, defesas, bases e guardas utilizadas. A prática dos fundamentos do kihon é de grande importância para o praticante de karate, pois, através do kihon, se tem a apreensão das técnicas e desenvolvimento da execução correta dos movimentos.

A tradução literal de kata da língua japonesa é "forma", podendo ser compreendido no contexto do karate como formas de combate. A prática do kata consiste em executar uma luta imaginária, um conjunto de movimentos pré-determinados pelos mestres fundadores (ABERNETHY, 2002). O kumite é a face mais conhecida do karate, é o combate propriamente dito. A luta é geralmente realizada apenas entre dois adversários, moderada por um instrutor ou aluno mais experiente em treinamentos e por árbitros em campeonatos.

A aula se inicia com a saudação tradicional aos mestres fundadores, ao instrutor e também aos colegas de treino. Realiza-se o aquecimento dos músculos e articulações, para prevenir a possibilidade de lesões e também preparar o corpo para o treinamento a ser realizado. Em sequência, se executam os treinamentos de kihon, kata e kumite, podendo variar de acordo com a proposição do instrutor e de acordo com o conteúdo a ser ministrado. Por fim, é comum que se execute informes ou mesmo explicações do treinamento e a saudação final.

O conceito de performances

O termo performance é amplo e comporta uma diversidade de significados, sendo utilizado pelas mais diversas áreas do conhecimento. O conceito de performance aqui discutido está presente na obra do teatrólogo Richard Schechner (2013) e explica como essas performances são executadas na vida cotidiana, nos esportes, nas danças e artes em geral. Pela compreensão desse conceito, é possível estabelecer as relações de performances executadas nos mais diferentes contextos:

> Nos negócios, nos esportes, e no sexo, "realizar performance" é fazer algo no nível de um padrão – ter sucesso, ter excelência. Nas artes, "realizar performance" é colocar esta excelência em um show, numa peça, numa dança, num concerto. Na vida cotidiana, "realizar performance" é exibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem. No século XXI, as pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes. "Realizar performance" também pode ser entendida em relação a: - sendo - fazendo - mostrar fazendo - explicar "mostrar fazendo" (SCHECHNER, 2013, p. 28).

As relações estabelecidas por Schechner (2013) levam ao entendimento de que ao "ser", "fazer", "mostrar fazendo" e "explicar 'mostrar fazendo'" se está realizando uma performance. Sendo assim, ao "ser" um personagem em uma peça teatral, ao "fazer" um *grand battement* em uma apresentação de ballet, ao "mostrar fazendo" um chute frontal em uma aula de karate ou "explicar 'mostrar fazendo'" todos os anteriores em uma produção científica, se está executando uma performance.

Schechner (2013) afirma que a realização de performances marca identidades, apresenta novas formas de realidade e conta histórias. Afirma, ainda, que as performances são "comportamentos restaurados", uma categoria compreendida como um comportamento realizado previamente, um comportamento ensaiado, presente ainda na vida diária, por ser necessária a apreensão de comportamentos culturais para se ajustar às relações sociais:

> O comportamento restaurado é o processo principal de todos os tipos de performance, seja na vida cotidiana, na cura, nos ritos, em ações, e nas artes. O comportamento restaurado está "lá fora", aparte do "eu". Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado "sou eu me comportando como se fosse outra pessoa", ou "como me foi dito para fazer", ou "como aprendi". Mesmo se me sentisse completamente como sou, atuando independentemente, apenas um pouco de investigação revelaria que as unidades de comportamento que contêm meu "eu" não foram por "mim" inventadas. Ou, bastante ao contrário, posso experimentar ser "além do que sou", "não eu mesmo", ou "dominado" em transe (SCHECHNER 2006, p. 34).

O comportamento restaurado está presente nas artes teatrais, ao "ser" João Grilo, em uma peça teatral, o ator se comporta como se fosse outra pessoa. Está presente na dança, quando uma bailarina executa um *arabesque* que lhe foi determinado para fazer durante uma produção. Está presente no karate quando um aluno executa um kata que aprendeu com o instrutor, que por sua vez também aprendeu com seu instrutor e assim por diante. Está presente na criança que se cala em um funeral porque assim lhe foi dito.

Essas ações e comportamentos não foram inventados pelo ator, pela bailarina, pelo karateca ou pela criança, mas foram ensinados por outrem, elaborados e sintetizados pelas pessoas que fizeram parte dos devidos contextos de desenvolvimento das artes e da cultura presente nas sociedades contemporâneas. Dessa forma, as performances são executadas em diferentes situações, de acordo com as convenções sociais estabelecidas, com as regras de um torneio, uma coreografia montada ou um papel.

Conforme o conceito de Schechner (2013), é preciso compreender a pluralidade das possibilidades de execuções de performances e as mais diferentes utilizações dessas performances nos mais diferentes contextos. É possível compreender que o próprio ato de ensinar já se configura como um ato performático. Dessa forma, o planejamento de acordo com essas performances pode vir a ser uma forma de potencializar o ensino, de acordo com a intencionalidade utilizada em cada uma dessas ações.

A partir desses conceitos, buscou-se estabelecer relações nas formas de uma discussão teórica e também prática, através de uma das facetas apresentadas por Schechner (2013), os esportes, estabelecendo relações entre o karate e as performances. Dessa forma, a seguir será apresentada a descrição de atividades realizadas, de como as performances foram inseridas no planejamento da prática pedagógica e como foram utilizadas para potencializar o ensino do karate em um ambiente não escolar.

Performances como metodologia

Para a realização deste relato de experiência, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os autores que abordam esta temática para delimitar o planejamento e as atividades a serem executadas. Para a descrição das atividades, foi utilizada a técnica de diário de campo; ao final de cada uma das aulas, era feita a transcrição das aulas, como se deu o andamento, como foi a articulação do planejamento proposto e demais ocorrências pertinentes de serem descritas para futuras análises (MEDRADO et al. 2014).

A utilização do diário de campo constituiu um importante recurso metodológico para o registro escrito dos acontecimentos considerados mais relevantes ao longo das atividades. Esses registros serviram de base para análises posteriores e para sua contextualização à luz do referencial teórico adotado. Optou-se por não apresentar transcrições diretas dos registros, com o objetivo de conferir maior objetividade ao texto. Dessa forma, foram elaboradas sínteses dos episódios e situações considerados mais significativos para a compreensão do processo investigado.

Antes do início das aulas, foi elaborado um planejamento de atividades, contemplando os conceitos técnicos, culturais e filosóficos básicos dessa arte. Também foi definido um cronograma de execução com previsão mínima de um semestre de atividades, seguido de um período de recesso e continuidade em outro semestre. A intencionalidade desse planejamento era organizar o fechamento do ciclo de aulas, culminando no exame de graduação e na possível troca de faixa dos alunos aptos.

As atividades aqui descritas foram realizadas em uma organização social não governamental sem fins lucrativos, localizada em região periférica da cidade de Aparecida de Goiânia, região metropolitana de Goiânia, Goiás. A organização oferece atividades esportivas, culturais e também outros atendimentos para a população da região. Existe uma contribuição voluntária para a realização de alguns serviços, um valor acessível, que tem a finalidade de contribuir com a manutenção do espaço e ajuda de custo para os profissionais voluntários envolvidos.

A organização conta com um amplo espaço para atividades esportivas, onde também podem ser realizadas confraternizações e reuniões quando necessário. O ambiente é arejado, conta com ventiladores, bebedouro, espelhos, banheiro, cadeiras, iluminação adequada, além de oferecer alguns materiais esportivos para uso dos instrutores e alunos. Um diferencial da organização é a presença do tatame de material EVA, que permite a prática de técnicas de queda e solo, oferecendo maior conforto para o treino.

As aulas iniciaram no dia 14/09/19, após prévia reunião com a coordenação da organização e apresentação do trabalho com o karate que seria executado. As atividades ocorreram aos sábados no período da tarde, respeitando o calendário de feriados, e tendo duração média de uma hora e trinta minutos. O uniforme tradicional do karate popularmente conhecido como quimono, denominado karategi, não era obrigatório para os alunos, sendo seu uso facultativo para quem já o tivesse. Os alunos que não tinham o karategi foram aconselhados a utilizar roupas leves e adequadas para a prática esportiva.

Não foi exigido nenhum material por parte dos alunos para a realização das aulas, tais como: luvas, caneleiras ou protetor bucal. Os alunos que já possuíam esses materiais poderiam levar quando solicitado, entretanto, foram disponibilizadas luvas quando necessário de acordo com o planejamento proposto. Não foi solicitado nenhum pagamento por parte dos alunos, as atividades relacionadas ao karate ocorreram de forma gratuita durante todo o seu período de execução, sendo solicitado apenas o consentimento dos responsáveis.

A faixa etária dos alunos era diversificada, contando com a participação de crianças, jovens e adultos, uma vez que as aulas eram abertas a toda a comunidade interessada. O número total de participantes chegou a dezesseis pessoas, das quais seis crianças frequentaram regularmente a maior parte das aulas. Os demais alunos participaram de forma pontual ao longo do período de realização das atividades. Houve participação de ambos os gêneros nas aulas, com integração igualitária entre os participantes, embora a maioria dos alunos fosse do gênero masculino.

Existe uma diversidade de estilos de karate, sendo mais de sessenta diferentes escolas, que imprimem sua forma particular de executar esta arte marcial (FROSI e MAZO, 2011). O estilo de karate ministrado foi o estilo Uechi-Ryu, uma escola de karate originária de Okinawa com influências de artes marciais chinesas. Este estilo apresenta oito formas de kata e exercícios de kihon e kumite semelhantes às outras escolas de karate. Uma particularidade é a prática do kitai, conhecido como calejamento ou enrijecimento (MATTSON, 2009).

O planejamento das aulas se deu de forma a contemplar os três pilares do karate: kihon, kata e kumite, salvo em raras exceções em que a intencionalidade da aula era apenas um dos aspectos. Foram selecionados movimentos básicos e adequados para iniciantes, com o foco nas seguintes técnicas: soco contrário da base (*gyaku zuki*), soco com a mão da frente (*kizami zuki*), chute frontal (*mae geri*), chute circular (*mawashi geri*), bloqueio com a palma da mão (*harai uke*), bloqueio circular (*mawashi uke*) (FROSI, 2014). O kata Sanchin é o primeiro do estilo Uechi-Ryu e também foi um conteúdo presente nas aulas.

As aulas se iniciavam com a saudação tradicional, em seguida era explicitado o conteúdo da aula e os procedimentos a serem realizados. Na sequência, se executava o aquecimento corporal e os primeiros exercícios de kihon, da seguinte forma: exercícios de soco, exercícios de chute e, por fim, bloqueio, executando contagens iguais com base canhota e também base destra. Ao fim do kihon, era feita pausa para água, ao retornar, era executado o kata sanchin. A aula era finalizada com o kumite, uma roda de conversa e saudação final.

Ao longo das atividades, não houve grandes variações nesse modelo. O momento que apresentou maior diversidade foi o aquecimento, que sempre se iniciava com movimentos básicos voltados à mobilização e preparação das articulações. Em seguida, eram desenvolvidas atividades lúdicas que, em alguns momentos, estavam relacionadas às lutas e, em outros, consistiam em exercícios simples, como saltos, corridas e demais práticas comumente utilizadas para a preparação corporal e o aquecimento dos participantes.

O uso do conceito de performances manifestava-se na organização dos exercícios a partir da seguinte sequência didática: 1) anúncio do movimento em língua japonesa, 2) anúncio do movimento em língua portuguesa, 3) explicação e demonstração da técnica pelo instrutor, 4) explicação e demonstração da técnica com a participação de um aluno e 5) execução dos movimentos pelos alunos. Essa sequência foi adotada de forma sistemática ao longo de todas as aulas, constituindo a principal estratégia para a apresentação e o ensino das técnicas trabalhadas.

Nessa sequência didática, está presente o conceito de performances. A princípio, o anúncio de um movimento utilizando a sua pronúncia em japonês vai de acordo com a tradição apreendida pelo instrutor, compreendendo já aqui o conceito de comportamento restaurado. No momento 3, durante a explicação e demonstração pelo instrutor, era realizado o que Schechner (2013) considera como o *mostrar fazendo*, na performance. O instrutor performava o movimento, mostrando como os alunos deveriam replicar e também realizar. Esta ação de performar o movimento, além da explicação oral, contribuiu de forma significativa para a compreensão dos alunos acerca dos movimentos.

A princípio, ficou claro o estranhamento por parte dos alunos de comandos em língua japonesa, por isso se fez fundamental a explicação dos termos, seu significado em língua portuguesa e, inclusive, em alguns momentos, explicitação da etimologia das palavras para um entendimento de forma mais completa. Em determinados momentos, a coordenação entre o ato de visualizar o movimento e executá-lo não se dava de forma harmônica, sendo necessário mais de uma demonstração.

Por essa razão, a performance de mostrar fazendo se fez importante durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Além de explicar o movimento de forma oral, a prática se mostrava de grande valia para a compreensão da articulação do movimento, pois, por vezes, apenas a explicação oral não era eficaz para que os alunos conseguissem compreender o comando e internalizar o movimento. Esta ação também se mostrou eficaz quando utilizada com um aluno, no momento 4 da sequência explicitada acima.

Salienta-se a importância da realização do momento 4. Nessa etapa, os alunos podem visualizar o movimento e compreender sua finalidade por meio de sua aplicação prática. Esse momento amplia a compreensão para além da observação da execução realizada pelo instrutor, permitindo identificar o funcionamento do golpe, suas diferentes formas de execução e possíveis erros. Além disso, possibilita compreender de que maneira a técnica pode ser articulada e aplicada em situações de combate.

Outro momento de fundamental importância para a articulação do conceito de performances com o ensino do karate era aquele em que o próprio aluno executava os movimentos ensinados. Além de acompanhar as explicações do instrutor e observar a demonstração e aplicação das técnicas com um colega, era essencial que os participantes realizassem os golpes repetidamente. Esse processo permitia não apenas aperfeiçoar a execução técnica, mas também favorecer a internalização da aprendizagem por meio da prática contínua.

Inicialmente, os alunos executavam o movimento de forma individual, acompanhando a contagem do instrutor, com o objetivo de assimilar a técnica e aprimorar sua execução. Na sequência, a atividade era realizada em duplas, possibilitando maior aproveitamento do processo de ensino e preparando os participantes para exercícios mais próximos das situações de combate. Nesse momento, as atividades possuíam caráter colaborativo, uma vez que os colegas não ofereciam resistência à execução dos movimentos, favorecendo a aprendizagem e o aperfeiçoamento técnico.

É possível compreender a execução desse momento a partir do que Schechner (2013) denomina como *fazendo*. Após a apreensão inicial da técnica, os alunos passavam a executar e experimentar na prática os movimentos ensinados pelo instrutor. Por meio desse exercício, foi possível favorecer maior controle corporal e técnico, estimular a prática das capacidades físicas em uma situação distinta da execução individual e desenvolver o cuidado tanto com o próprio corpo quanto com o corpo do colega durante a realização das atividades.

Após os exercícios de kihon, eram realizados os exercícios de kata, tradicionais no treinamento de karate. Inicialmente, o instrutor executava o kata sozinho, enquanto os alunos observavam. Esse momento de observação era fundamental para a apreensão visual dos movimentos do kata pelos alunos. Em seguida, o instrutor realizava a execução com os alunos e, posteriormente, passava a apenas observar, intervindo para realizar correções e sanar dúvidas relacionadas à execução dos movimentos. O kata era repetido algumas vezes até que os alunos conseguissem realizar o exercício de forma mais harmônica e consistente.

Um dos últimos momentos da aula era a realização do kumite, a luta. Um a um, os alunos realizavam o combate com o instrutor, com o objetivo de aplicar os movimentos apreendidos anteriormente. Esse momento da aula era bastante aguardado e valorizado pelos alunos, pois permitia a execução prática das técnicas e possibilitava a compreensão de como essas habilidades podem ser utilizadas em uma situação real de luta. É importante destacar que o kumite foi realizado ao fim de todas as aulas.

O kumite era realizado com intensidade e cadência ajustadas ao nível de desenvolvimento de cada estudante. A luta permitia a execução de golpes no tronco, nas pernas e também a realização de quedas, sem caráter de pontuação, orientada principalmente para a aplicação prática das técnicas. Durante a execução, os alunos eram constantemente incentivados pelo instrutor, que também realizava pequenas orientações ao longo do combate, contribuindo para o ajuste e o aprimoramento das ações. Dessa forma, o foco do exercício estava na vivência do combate e na consolidação dos movimentos aprendidos ao longo das aulas.

Nesse momento da aula, é possível observar duas articulações com o conceito de Schechner (2013). A realização do kumite permite ao aluno *ser* artista marcial, enfrentar um adversário real e *fazer* os movimentos que lhe foram ensinados. Além disso, na interação com o instrutor, o aluno também *mostra fazendo* aos colegas como compreendeu e como consegue executar as técnicas trabalhadas. Percebe-se, assim, a performance em um momento máximo da aula, no qual o *ser*, o *fazer* e o *mostrar fazendo* se articulam de maneira integrada na vivência do combate. Percebe-se, então, a possibilidade prática da articulação deste conceito teórico.

Durante o desenvolvimento do kumite, o instrutor realizava a luta com um dos alunos, enquanto os demais permaneciam em observação, acompanhando a performance e aguardando sua vez de participar. Esse momento de observação se mostrou de grande importância, pois permitiu aos alunos visualizar um colega em situação de combate, identificando acertos e falhas na execução, além de antecipar os movimentos que também deveriam realizar. Da mesma forma, a observação do instrutor em ação oferecia um modelo técnico a ser seguido, servindo como referência para a reprodução e o aprimoramento das técnicas trabalhadas.

A luta, ao final, não possuía caráter competitivo, uma vez que não havia contagem de pontos nem a definição de um vencedor. No entanto, apresentava um caráter avaliativo relevante. Por meio do kumite, era possível identificar se o aluno havia apreendido de forma satisfatória as técnicas trabalhadas anteriormente, além de observar possíveis erros e desenvolver maior confiança na aplicação dos movimentos em uma situação real de combate. Ao término da luta, o instrutor realizava uma breve conversa com o aluno, destacando aspectos que precisavam ser aprimorados e orientando os próximos passos de desenvolvimento técnico.

Após a realização do kumite com todos os alunos, o último momento da aula consistia em uma breve roda de conversa. Nessa etapa, o instrutor retomava aspectos da aula, apontando erros individuais e coletivos, bem como elementos que precisavam ser mais bem desenvolvidos. Além disso, eram oferecidas orientações gerais sobre o desempenho da turma. O espaço também era destinado à fala dos alunos, que podiam apresentar dúvidas e expressar sua compreensão acerca das técnicas trabalhadas. Dessa forma, a roda de conversa se constituía como um importante instrumento de avaliação e reflexão.

Nas primeiras aulas, os alunos apresentaram dificuldades comuns a quem inicia ou retoma a prática de exercício físico, como limitações de coordenação motora, dificuldades na compreensão dos exercícios propostos pelo instrutor, condicionamento físico deficitário e problemas de concentração. Além desses aspectos, também era recorrente a falta de controle na intensidade dos golpes, uma vez que alunos inexperientes tendem a se lesionar e a provocar lesões em colegas devido à imperícia na execução dos movimentos.

Ao longo dos meses, foi perceptível o desenvolvimento dos alunos que frequentavam regularmente as aulas, bem como a evolução em todos os aspectos mencionados. Nas últimas aulas, observou-se uma melhor compreensão dos termos em japonês, melhora no condicionamento físico, maior coordenação dos movimentos e redução de incidentes relacionados ao descontrole da intensidade. Também se notou um aprimoramento na etiqueta dentro do dojo e, sobretudo, um maior cuidado com o próprio corpo e com o corpo dos colegas, visando à prevenção de lesões.

Outro aspecto importante é que, ao longo do período de treinamento, não ocorreram acidentes graves, tanto durante a prática das técnicas ordinárias quanto no kumite. Os conceitos de cuidado e segurança foram sendo assimilados à medida que os alunos adquiriam maior experiência técnica e também compreensão filosófica da prática. Nesse processo, passou-se a entender que o sucesso no combate não depende necessariamente do uso da força, mas da correta execução dos aspectos técnicos e estratégicos trabalhados ao longo do treinamento.

Nos últimos dias de aula, foi possível perceber que as técnicas propostas no início, descritas anteriormente, foram apreendidas de forma satisfatória pelos alunos. Observou-se que a execução do kata se tornava mais fluida, assim como o kumite passava a ser realizado com maior controle. Os alunos que se encontravam em estágio mais avançado de desenvolvimento também puderam realizar o kumite entre si, o que ocorreu de forma satisfatória e sem grandes contingências.

O objetivo inicial era elaborar este relato após um ano da primeira aula, o que permitiria reunir um volume maior de observações e ampliar os elementos disponíveis para a análise da articulação entre o conceito de performances e o ensino do karate. No entanto, em razão da pandemia de Covid-19, as aulas foram interrompidas sem previsão de retorno. Por motivos de saúde pública e em conformidade com as medidas de isolamento social adotadas no estado de Goiás, as atividades foram encerradas em 14/03/2020.

É possível considerar que a abordagem metodológica aqui apresentada pode ser de grande valia no ensino do karate. A articulação entre os exercícios tradicionais e o conceito de performances pode potencializar o processo de ensino, colocando os alunos como performers, para além da posição de espectadores ou meros reprodutores de técnicas que não compreendem integralmente. As explicações associadas às performances possibilitaram um entendimento mais completo de cada um dos movimentos realizados, favorecendo uma aprendizagem mais consistente e integrada.

O presente relato de experiência se apresenta em caráter inicial, buscando conectar e articular novos caminhos para que o ensino das artes marciais possa ser realizado de forma mais efetiva e contextualizada com os dias atuais. Não se propõe aqui um modelo final de ensino ou uma fórmula fechada, mas sim a abertura de uma discussão inicial sobre como o ensino do karate, das artes marciais e dos esportes pode se articular com o conceito de performances e contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento da educação.

Referências

ABERNETHY, I. **Bunkai-Jutsu: The practical application of Karate Kata.** Cockermouth. NETH. 2002.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Dō: meu modo de vida.** São Paulo: Cultrix, 2000.

FROSI, T. O. MAZO, J. Z. Repensando a história do karate contada no Brasil. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.297-312, abr./jun. 2011.

FROSI, T. O. **Curso de Extensão em Karate-Do UFRGS.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.**; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. Petrópolis, Vozes, 2012.

GUSHI, S. **A remarkable exponent of the Uechi Ryu form of karate.** Dragon Times, 1996. Entrevista realizada pela revista Dragon Times, conduzida nos estúdios da Tsunami Productions em Oxnard, Califórnia. Disponível em: <https://www.dragon-tsunami.org/Dtimes/Pages/articleg.htm>. Acesso em: 19/07/2020.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTSON, G. E. **Uechiryu karate do: Classical Chinese Okinawan Self Defense.** Newton, Peabody. 2009.

MEDRADO, B. et al. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. IN: Spink et al. (Orgs). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social. 2014.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

ROSSI, L. TIRAPEGUI, J. Avaliação antropométrica de atletas de Karatê. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, 2007; 15(3): 39-46.

SANTOS, N. M. W. Memória como narrativas do sensível: entre subjetividades e sensibilidades. In: Cleusa Maria Gomes Graebin; Nádia Maria Weber Santos. (Org.). **Memória Social: questões teóricas e metodológicas**. 1ed.Canoas: UniLasalle, 2013, v. 1, p. 131-156

SCHECHNER, R. Performers e espectadores - Transportados e transformados. Tradução: Selma Treviño. **Moringa**: João Pessoa, Vol. 2, n. 1, 155-185, jan./jun. de 2011

SCHECHNER, R. **Performance studies: an introduction**. 3ª ed. New York, Routledge. 2013.

SUZUKI, T. A historical evolution classical karate-do to modern Sport karate. **Karate Ontario Symposium**. 2008.

TURNER, V. W. **Floresta de símbolos: Aspectos do ritual Ndembu.** Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Tradução e revisão técnica: Arno Vogel. Niterói: EdUFF, 2005.

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura.** Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis. Vozes, 1974.

i Mensagem aos participantes do Acampamento de verão Uechi-Ryu Shubukan 1983.

ii Publicado originalmente como: O CAMINHO DE KOHAI A SENSEI. BIOMOTRIZ (UNICRUZ), v. 15, p. 48-60, 2021.

iii À época da publicação deste artigo, os critérios para a realização do exame de faixa preta eram disponibilizados publicamente no site da referida confederação. Naquele período, eu integrava essa confederação e, em razão da familiaridade com o processo, selecionei esse documento como referência. Atualmente, não faço mais parte dessa federação e, portanto, não tenho mais acesso a esse material. Ainda assim, esse fato não compromete a análise apresentada, uma vez que o exame de faixa preta ocorre de maneira semelhante em diferentes instituições.

iv Texto escrito em coautoria com o Professor Dr. Eduardo José Reinato. Publicado originalmente como: Kata: memórias de combates em performances no treinamento de karate. In: Nádia Maria Weber Santos; Eduardo José Reinato; Robson Corrêa de Camargo. (Org.). Performances Culturais, volume 2: Memória e Sensibilidades. 1ed.Porto Alegre: Fi, 2020, v. 2, p. 164-178.

v Publicado originalmente como: Uso do conceito de performances como ferramenta metodológica no ensino do karate: Um breve relato de experiência. REVISTA BIOMOTRIZ, v. 14, p. 18-28, 2020.